

POESIA ERÓTICA EM TRADUÇÃO, DE JOSÉ PAULO PAES: DA SELEÇÃO À AUTORIA.

Paulo Roberto Barreto Caetano¹
(UFMG)

496

RESUMO

Ao eleger poemas, o antologista lança luz sobre eles, tirando-os, por vezes, do esquecimento. Tal ação aponta para a instância mnemônica como busca ativa do passado, como afirma Paul Ricoeur em *A memória, a história, o esquecimento*. A antologia de Paes permite ainda ao leitor ver nela um projeto autoral, mesmo sendo feita de diferentes autores (de diferentes Sistemas Literários, nas palavras de Even-Zohar). Mais do que um panorama, a publicação parece ser um projeto de uma escrita idealista: a do erotismo, esse destabilizador de moralismos. Este ensaio pretende investigar como a antologia de Paes pode ser vista como um projeto autoral e memorialístico.

PALAVRAS-CHAVE: antologia, erotismo, memória, autoria, tradução.

ABSTRACT

By electing poems, the anthologist sheds light on them, taking them, sometimes, from the oblivion. This action points to the instance mnemonic as active search in the past, as stated Paul Ricoeur in *A memória, a história, o esquecimento*. The anthology of Paes also allows the reader to see in it an authorial project, even if made by different authors

¹ Paulo R. B. Caetano é graduado em Letras na UFMG, mestre em Teoria e História Literária na Unicamp e doutorando na UFMG.

Endereço de acesso ao currículo Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4537737T7>

Belo Horizonte, Brasil.

E-mail: paulorcaetano@yahoo.com.br

(from different Literary Systems, in the words of Even-Zohar). More than just an overview, the publication seems to be a project of an idealist writing: the eroticism, this destabilizing of the moralism. This essay aims to investigate how Paes' anthology can be seen as an authorial and memorialistic project.

KEYWORDS: anthology, erotica, memory, authored, traduction.

INTRODUÇÃO

O livro *Poesia erótica em tradução* foi publicado por José Paulo Paes em 1990. Em tal volume, o poeta paulista foi responsável não só pela organização e tradução, mas também pela seleção e notas. Para ele, mais do que fazer “algo erudito”, a intenção era divulgar poemas de uma área “clandestina e menosprezada pela criação poética (...) aliás, [divulgação tal] como [ocorre] na minha atividade de ensaísta e tradutor”. (PAES, 2006, p. 11, 12) [colchetes meus].

Paes concebeu uma compilação de poemas que nem sempre gozaram de prestígio. Segundo ele, houve um desejo de distribuição entre o que ele chama de conhecidos e desconhecidos: “Tanto quanto pude, busquei equilibrar, no elenco de autores, nomes conhecidos com nomes desconhecidos do comum dos leitores”. (PAES, 2006, p. 11, 12). A coletânea, então, declaradamente apresenta esse objetivo de divulgação de textos (não)canônicos. A tradução estabelece dessa maneira um diálogo (tenso) com as tradições literárias, com os Sistemas Literários, endossando ou desestabilizando-as. Um dos elementos que formam o Sistema Literárioⁱ são as editoras.

A escolha de uma temática tida como não-hegemônica lida com forças consideráveis, mas nem sempre visíveis. Em vários momentos da Nota Liminar desse livro, o organizador deixa transparecer sua busca detetivesca pelos textos originais para então comentar sobre a marginalidade do erótico:

A obtenção dessas fontes envolveu dificuldades e desapontamentos de vária ordem. Perseguida pelo filisteísmo e pela hipocrisia, a literatura erótica viveu há até pouco confinada às edições clandestinas, muitas de circulação restrita entre os colecionadores. (PAES, 2006, p. 11).

A citação revela esforço e obstinação do organizador, que esbarrou num moralismo social – no caso, presente no âmbito editorial. Contudo, as restrições não se encontravam somente nesse campo. Paes também vislumbrava no meio jornalístico barreiras para a publicação dos poemas eróticos: “Quando essas versões ocasionais já chegavam à casa de uma vintena, surgiu a tentação de publicá-las em livro, pois seria meio impraticável divulgá-las na imprensa: a permissividade de nossos dias tem seus limites de ordem prática”. (PAES, 2006, p. 11). Seja nas editoras, seja nos jornais, a publicação de poemas de cunho erótico estaria à mercê de tendências morais da sociedade.

O moralismo ao qual aludiu Paes provavelmente entraria em conflito com o teor dos poemas selecionados para essa publicação. Isso porque, a critério do organizador, o explícito era condição para a escolha: “(...) inclinei para os [textos] que Richard Eberharⁱⁱ chama de ‘poemas sexuais explícitos’. Conforme o caso, o grau dessa explicitação pode variar aqui do fescenino ao alusivo...” (PAES, 2006, p. 12) [colchete meu]. O que leitor encontra nesse volume, portanto, refere-se a um conteúdo erótico explícito, que às vezes toca o chulo, sem deixar de ser lírico.

O que pode surpreender o leitor, contudo, em *Poesia erótica em tradução*, é o fato de alguns autores ali selecionados serem mais comumente conhecidos por textos de temáticas bem distantes do erótico. La Fontaine, Rousseau, Goethe (para ficar em apenas três) são exemplos de escritores que se destacam por produções que passam ao largo do erotismo. A inserção desses poemas “marginais” numa publicação como essa pode fomentar a discussão acerca do lugar que autores como esses detêm, circunscrevendo-os em cenários mais amplos.

Com essa perspectiva, pode-se pensar na noção de tradição literária como uma memória enformadora, que tende a conformar os autores em rótulos mais ou menos

estanques. Ou que pode ainda criar seleções, julgando o que (não) é veiculado. Dessa maneira, publicações como essas de Paes permitem discutir tais questões.

ERÓTICO: ESQUECIDO?

Em “Erotismo e poesia: dos gregos aos surrealistas”ⁱⁱⁱ, José Paulo Paes comenta sobre a importância da Literatura Erótica frente à fugacidade do tempo e do esquecimento, sobre possíveis diferenças entre o erótico e o pornográfico, sobre a opressão religiosa no âmbito da sexualidade e o que ele chama de hegemonia falocêntrica.

Para o tradutor de Taquaritinga, caberia à Literatura Erótica uma espécie de lugar de compensação. Sendo normalmente insatisfeito com a experiência, o ser humano costuma, segundo Paes, carecer da arte: “trata-se, antes, de um prolongamento, um complemento dela [da vida], mesmo porque já se disse que a arte existe porque a vida não basta”. (PAES, 2006, p. 14) [colchete meu]. Contudo, ele alerta para o fato de que a arte, por sua vez, não substituiria a vida; a mimetização não supriria a experiência “real”^{iv}.

É com tal raciocínio que Paes se lembra da Mnemosina, a mãe das nove musas na mitologia grega. Isso porque o ato de representar estaria relacionado ao “re-presentar”. Essa repetição pressuporia uma memória. A arte então fulguraria como essa instância preservadora. Sua relevância estaria no registro. No ver de José Paulo P., o caso do erotismo parece carecer ainda mais dessa “intervenção” artística. Esta seria responsável por preservar (ou recriar, ou mimetizar) algo que é extremamente fugidivo: o momento do prazer. Eis seu comentário: “Ora, mais do que em qualquer outro domínio da experiência humana, é no da experiência erótica que se torna urgente impedir que, em sua velocidade implacável, o tempo apague de pronto e de todo os traços do já vivido”. (PAES, 2006, p. 14). Assim, a literatura de cunho erótico poderia então fazer com que o leitor experimentasse ainda que de maneira “virtual” a experiência do gozo, num tempo diferente daquele, fugaz.

Vale ressaltar, contudo, que o tempo mencionado na citação aparece como agente do esquecimento, como se ele fosse responsável pela efemeridade da sensação de prazer. Sendo a sensação algo experimentado pelo ser humano, ela se daria no indivíduo. E o tempo, por sua vez, seria uma medida de sua duração (e, não, provocador ou exterminador da mesma). Contudo, apesar de não ter tal papel agenciador, ele se faz importante para se pensar na possível distinção entre o erótico e o pornográfico.

Paes discute tal diferenciação a partir da ideia do que é imediato e do que é representado. Para ele, ao pornográfico seria atribuída a função de, meramente, excitar; enquanto que a Literatura Erótica se ocuparia com a representação:

Efeitos imediatos de excitação sexual é tudo quanto, no seu comercialismo rasteiro, pretende a literatura pornográfica. Já a literatura erótica, conquanto possa eventualmente suscitar efeitos desse tipo, não tem neles a sua principal razão de ser. O que ela busca, antes e acima de tudo, é dar representação a uma das formas da experiência humana: a erótica. (PAES, 2006, p. 15).

Com frase categórica, Paes reserva um lugar nobre à Literatura Erótica, responsável por algo sofisticado como a representação. O pornográfico, contudo, não permitiria essa experiência virtualizada, ou ainda, não permitira reviver algo, como foi salientado na relação da representação e da titânide Mnemosine.

Paes à luz de Bataille comenta sobre a dupla via que o erotismo tem com a ocultação: a noção de mistério (que provoca a curiosidade) e a de obscenidade (que traz impacto ao revelar a nudez). O mito bíblico do fruto proibido trabalha com tal noção ao trazer Adão e Eva cobrindo suas “vergonhas”. A “mecânica do prazer erótico” (PAES, 2006, p. 17) se constituiria nesse empenho dialético entre a consciência da proibição e o empenho em quebrar a mesma.

Um dos pontos abordados pela Nota Liminar do livro é a repressão que paira sobre o erotismo. A Literatura Erótica então poderia atuar contra esse obscurantismo (religioso, por exemplo). José Paulo P., imbuído dessa convicção, lança mão da antologia, como um projeto que não apenas divulga autores/textos, mas também faz

frente a essa coerção. Tendo em vista tal cenário, faz-se interessante pensar na antologia como um texto autoral, um coerente projeto de escrita.

UM AUTOR: VÁRIOS AUTORES?

Michel Foucault, em *O que é um autor*, comenta que uma maior visibilidade da autoria se deu com o objetivo de punir autores que seriam ameaças a instâncias religiosas, políticas, econômicas. Diferentemente de outros antologistas^v, Paes não foi repreendido por instituições, mas, como ele relata (PAES, 2006, p. 11), a clandestinidade da Literatura Erótica seria um reflexo de punições outrora empregadas.

O pensador francês relaciona a autoria a modos de existência de discursos na sociedade. Caberia então pensar: a quem importa que um texto tenha um autor? Um contrato normalmente não possui um; já um poema, sim. Assim, o discurso, se reacionário, por exemplo, poderia se configurar como um ato arriscado em determinado contexto, já que ele receberia atribuição de autoria. Com isso, poder-se-ia perguntar: que implicações uma publicação como essa tem? Que funções desempenha o discurso do antologista de poemas eróticos?

Uma resposta imediata (mas nem por isso precipitada) para a última pergunta parece ser a de denúncia de um moralismo que atrapalharia um contato estético, prolongado, com a sexualidade. Contudo, é possível pensar que, como tradutor e antologista, José Paulo P. exerce uma função de divulgador de textos e autores. Tal viés indica o potencial do autor-antologista de intervir no sistema literário ao inserir uma obra, um todo organizado, com sentido.

Itamar Even-Zohar desenvolveu o conceito de polissistemas literários. Observando a heterogeneidade do cenário israelense, ele começou a ver como eram múltiplas as dinâmicas que envolviam a literatura. Fatores como o autor, o leitor, as editoras, as faculdades eram decisivos na (não) circulação e consolidação de livros.

Listados os fatores de consolidação, seria necessário pensar então os diversos Sistemas Literários que comporiam um polissistema. A Literatura Infantil, a Literatura

Traduzida, os *Best-sellers* são alguns dos exemplos de sistemas literários que formariam um conjunto maior, bastante heterogêneo, sendo que tais partes não deveriam ser hierarquizadas, mas estudadas como fenômeno do polissistema.

José Lambert, em “A teoria do polissistema de Itamar Even-Zohar: uma perspectiva interdisciplinar em pesquisa cultural”, comenta que o autor andava na contra-mão dos estudos literários europeus que se reduziam à teoria literária de René Wellek e Roman Jakobson. Isso porque o israelense defendia uma abordagem mais abrangente, holística. Como é possível perceber, uma desvantagem dessa abordagem é a amplidão dos objetos de pesquisa (cultura, sistema de signos) “onde tantas disciplinas se encontram” (LAMBERT, 2011, p. 180).

Expõe Lambert que uma das conquistas da Teoria Polissistêmica é a revisão feita acerca do lugar da Literatura Traduzida dentro da dinâmica da Literatura. Com a teoria de Even-Zohar (de cunho não-hierarquizador), culturas e literaturas marginalizadas têm sido reexaminadas.

Nesse sentido, o tradutor antologista desempenha papel crucial entre os Polissistemas Literários. No caso de Paes, vê-se um olhar atento a diversos Sistemas Literários, capaz de eleger textos e autores a serem traduzidos para o Sistema Literário de chegada – o brasileiro. Nesse sentido, sua tarefa alça voos de autoria, à medida que organiza um todo com sentido: um recorte de poemas eróticos do Ocidente que acaba formando uma história do erotismo, marcada, por exemplo, pelo falocentrismo e/ou pela invisibilização imposta ao feminino. Esboça-se assim uma relação entre história e memória.

LEMBRANÇA DE AUTORES

No capítulo “Da memória e da reminiscência”, Ricoeur afirma que muito se tem atinado para o sujeito que lembra. Contudo, para não colocar a memória coletiva num lugar apenas analógico (ou talvez até estranho), deve-se olhar para o que é

lembrado. Dessa maneira, o professor da Sorbonne e de Yale lança um olhar sobre o objeto lembrado.

Assim, faz-se pertinente pensar os objetos “lembrados” por Paes, configurando-se assim a “antologização” e a tradução como atividades conscientes de busca seletiva. Essa perspectiva dialoga com a divisão platônica citada pelo pensador francês, na qual a memória poderia estar em duas categorias, como algo que irrompe e como elemento buscado.

A ideia de memória como algo buscado é discutida por Ricoeur, ao dizer que por meio dela seria possível uma resignificação mediada por uma imagem construída. Assim, a memória estabelece um vínculo do sujeito com o tempo, sendo uma consciência sobre este. Citando Husserl, Paul R. fala que a instância mnemônica é presentificação por meio da lembrança e da imagem. Basicamente, tal memória diria respeito à busca (ativa) por uma imagem do passado, ou seja, ela é “negociada”.

A seleção feita por Paes se configura então como uma imagem estanque da poesia erótica no Ocidente. Ao selecionar os textos, o antologista busca em um repertório aquilo que seria mais representativo (para seu interesse), ou aquilo a que foi possível ter acesso. Daí ser pertinente pensar a antologia como uma negociação acerca do que foi o passado (da poesia erótica).

Na Nota Liminar, o autor comenta sobre as dificuldades de conseguir alguns poemas:

Deles [vários poetas da renascença italiana], só consegui ter acesso a Arentino, e assim mesmo (graças aos préstimos de Wilson Martins) sob a forma de xerocópia de um exemplar existente na biblioteca pública de Nova York; fora impossível conseguir-lhe os poemas na Itália. (PAES, 2006, p. 12) [colchete meu].

Como se vê, os autores que ficaram de fora (de uma antologia) nem sempre são os esquecidos. Ela é uma concepção de resultado parcial(izado), lacunar, que, apesar de trazer ares de totalidade, é atravessado por instâncias díspares. Arquivos públicos e pessoais, bibliotecas, academias, editoras etc. influenciam na formação desse corpo

híbrido e vazado. Tal situação é exposta por Paes, que comenta sobre a brevidade do projeto:

Para não comprometer o equilíbrio de conjunto da coletânea, que visa a dar um sumaríssimo panorama da poesia erótica do Ocidente, da Antiguidade aos dias de hoje, evitei privilegiar os contemporâneos, entre os quais seria menos difícil encontrar o material antologável (...) de “grandes nomes”. (PAES, 2006, p. 13).

Poesia erótica em tradução se mostra então como um cuidadoso panorama do Sistema Literário “Literatura Traduzida”, concebido por um antologista que pensou criteriosamente num todo coerente. Mas a construção desse objeto é fruto de um esforço de seleção que esbarra em diversas tensões; é uma escrita incompleta de um passado concebido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Portugal: Veja, Passagens 2002.

LAMBERT, José. “A teoria do polissistema de Itamar Even-Zohar: uma perspectiva interdisciplinar em pesquisa cultural”. In: LAMBERT, José; GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène; COSTA, Walter (Orgs.) *Literatura & Tradução*. RJ: 7Letras, 2011. 222p.

PAES, José Paulo. *Poesia Erótica em tradução*. Tradução, apresentação, introdução e notas de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

ⁱ Conceito (cunhado por Itamar Even-Zohar) que será exposto neste ensaio.

ⁱⁱ Richard Eberhar (05/04/1904 – 09/06/2005). Poeta estadunidense que recebeu em 1966 o *Pulitzer Prize for Poetry* pela publicação de *Selected Poems*.

ⁱⁱⁱ Texto que precede os poemas de *Poesia erótica em tradução*.

^{iv} Como sugere o sujeito poético na irônica “Ode à televisão”, poema de *Prosas seguidas de odes mínimas*, de José Paulo P.

^v Um exemplo seria Natália Correia (1923 – 1993): poeta portuguesa e ativista. Organizou *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica*. Devido a esta, teve que responder judicialmente pela publicação. É possível ler sobre esse fato na publicação citada.